

UBIRATAN MACEDO [1937/2007]

Grande perda para a cultura luso-brasileira

Ubiratan Borges de Macedo, conselheiro da Nova Cidadania, faleceu a 16 de julho do corrente ano, em Curitiba, às vésperas de completar setenta anos e depois de prolongada enfermidade, que enfrentou com grande estoicismo.

Destacado membro do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), esse desenlace representa uma grande perda para a filosofia brasileira e para os estudos dedicados à cultura luso-brasileira, que tiveram grande desenvolvimento nas últimas décadas.

Concluiu a Faculdade de Direito do Paraná em 1960 e, simultaneamente, o curso de filosofia da Pontifícia Universidade do mesmo estado. Logo em seguida, em 1963, frequentou curso de especialização em direito na USP, oportunidade em que se ligou ao prof. Miguel Reale e ao IBF, tendo se revelado um grande expositor do culturalismo do mestre, do mesmo modo que de sua filosofia do direito. Ainda nos anos setenta, estudou Filosofia Social e História da Filosofia, em nível de pós-graduação, na Universidade de Louvain (Bélgica). Concluiu mestrado e doutorado, em filosofia, em Universidades do Rio de Janeiro (PUC e Gama Filho). Seguiu a carreira do magistério na Universidade Federal do Paraná, onde chegou a professor titular, aposentando-se nessa condição. Pertenceu ainda aos Corpos Docentes da Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro, e do Colégio Interamericano de Defesa, em Washington,

Estados Unidos. Desempenhou diversas funções oficiais, entre estas membro da Comissão Nacional de Moral e Civismo (1976-12980) e do Conselho Federal de Educação (1984-1988). Nos últimos anos de vida foi professor dos cursos de pós-graduação em filosofia e direito da Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, do doutorado em direito da Universidade do Estado (UERJ), tendo atuado ainda como professor visitante do Instituto de Estudos Políticos (IEP, da Universidade Católica Portuguesa). Pertenceu também ao Conselho Editorial da Nova Cidadania.

Ubiratan Macedo interessou-se sobretudo pelas questões relativas à cultura, em especial temas relacionados à moral e aos valores em geral, bem como à filosofia política. Deu inestimáveis contribuições ao estudo da cultura brasileira. Ao tempo em que funcionou o Doutorado em Pensamento Luso-Brasileiro, na Universidade Gama Filho, sob a coordenação de Eduardo Soveral (1927/2003), nas décadas de setenta e oitenta do século passado, interessou-se vivamente pelas relações entre escolas de pensamento dos dois países e deixou-nos valiosas indicações sobre o significado desses estudos para o adequado entendimento de nossa evolução cultural e política.

No conjunto de sua bibliografia destacam-se: Introdução à Teoria dos Valores (1971); A Idéia de Liberdade no Século XIX: O Caso Brasileiro (1977), obra reeditada em 1998; Metamorfoses da Liberdade (1878) e Fundamentação dos Valores (1988). Deu especial atenção à doutrina liberal, com o propósito de facultar ao país a sua adequada compreensão. Essa preocupação transparece sobretudo nos livros Liberalismo e Justiça Social (1995) e Liberalismo Moderno (1997). Com o mesmo propósito, ao tempo em que residiu no Rio de Janeiro, organizou o Círculo

Com uma razão modesta, como queria Popper, entre a razão iluminista e o sentimento irracionalista, podemos construir a ética social que vertebre a trajetória histórica do nosso Brasil”.

de Estudos do Liberalismo, freqüentado por diversos professores. Alguns dos estudos destinados ao Círculo chegaram a ser publicados, entre outros: Avaliação crítica da social democracia: o exemplo francês (2000) e Avaliação Crítica da Proposta de Democracia Deliberativa (2002). Nessas coletâneas há estudos de Marcos Poggi de Araújo, Antonio Paim, Ricardo Lobo Torres, Ítalo da Costas Jóia, Francisco Martins de Souza, José Ribas Vieira e Ricardo Vélez Rodriguez. Deixou inéditos uma grande quantidade de ensaios em que transparecem plenamente a sua vasta cultura.

Entre os seus últimos livros, sobressai A Presença da Moral na Cultura Brasileira (2001), no qual inseriu valioso estudo com o expressivo título de “A ausência de ética no pensamento brasileiro”. Efetiva uma comparação do Brasil com o México para destacar os diversos manuais de ética, aparecidos nesse país apenas nos anos oitenta, inexistentes entre nós. Registra que o renomado pensador argentino Mariano Grondona aponta esta ausência de textos éticos como característica de sociedades subdesenvolvidas, a propósito do que afirma: “Onde mais se ensina ética é porque existe uma vasta preocupação moral.”

Entre as hipóteses interpretativas desse fenômeno (tradições culturais contra-reformista, cientificista e patrimonialista, defendida por mim próprio e diversos outros estudiosos) e de que decorreria do esteticismo (devida a Mário Vieira de Melo, formulada

em fins dos anos sessenta), opta por esta última e dela efetiva defesa deveras brilhante, característica aliás que considero a nota dominante de seu magistério. Permito-me referir o essencial: “A escassez de reflexão ética explica-se porque, na visão romântica da ética, há pouco que esperar da reflexão racional mas muito dos entusiasmos (...). Tendo-se presente que uma nação é uma comunidade resultante de um projeto de futuro, incluindo mais que o passado, o presente, nele incluso o que pretende ser, podemos abrir espaço à reflexão ética e a novas formas de moral social. (...) Por isso, mais do que a tradição da contra-reforma é preciso analisar criticamente o esteticismo presente nas grandes construções românticas do século dezanove (...), nos representando corretamente o papel do indivíduo, como único agente ético mas sempre no seio de comunidades concretas que o individualizam e fornecem um âmbito para sua realização. Com uma razão modesta, como queria Popper, entre a razão iluminista e o sentimento irracionalista, podemos construir a ética social que vertebre a trajetória histórica do nosso Brasil”.¹

Seu pensamento mereceu diversos estudos. O verbete que lhe foi dedicado em LOGOS: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, foi redigido diretamente pelo saudoso prof. Miguel Reale.

¹ A Presença da Moral na Cultura Brasileira, Editora UEL-Universidade Estadual de Londrina, 2001, págs. 8-9.

POR GUILHERME D’OLIVEIRA MARTINS

Eduardo Prado Coelho (1944-2007)

Eduardo Prado Coelho saiu de cena inesperadamente, quando muito esperávamos dele. Simbolicamente escolho “Tudo o que não escrevi” (2 volumes, Asa, 1992 e 1994) como sua obra de referência. É um diário que retrata bem a sua relação com a vida e com a cultura. No sábado de manhã, quando recebi a notícia, atônito perante o inesperado, escrevi de supetão: «A última vez que falámos, e foi há muito pouco tempo, ouvi dele palavras muito positivas de disponibilidade para novos projectos e para voltar à vida plena. Depois das incertezas, estava a vencer bem as dificuldades de saúde. Gostei do seu estado de espírito e a sua voz pareceu-me mais segura. Há dias li o seu

texto sobre Fernando Gil e partilhei, mais uma vez, muitas das suas ideias e impressões. Ficámos de voltar a contactar em Setembro para falar de livros e de autores interessantes. E foi ele que teve a iniciativa. Era um dos sócios efectivos do Centro Nacional de Cultura com número mais baixo e nunca regateava o seu apoio às mais diversas iniciativas. Coordenou nas Festas do Chiado a escolha dos livros e dos autores, e as suas decisões tinham a ver sobretudo com a revelação e o apoio a novos valores e com autores conhecidos com algo de relevante a dizer no momento. O Eduardo era um intelectual de uma curiosidade ilimitada. Nada lhe era estranho, e gostava de seguir caminhos inesperados e novos, antecipando, reno-